

Autofiguração da menina moleque macho¹

Ianca de OLIVEIRA²

Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, Cachoeira, BA

RESUMO

Esta pesquisa, com viés autobiográfico, tem como objetivo compreender as relações entre o racismo e a heteronormatividade na autofiguração de corpos negros através de uma interpretação fílmica, com foco na construção de personagem e da direção de arte presentes na obra *Tá Fazendo Sabão* (2022), de Ianca Oliveira, o qual faz parte do corpus filmes que investigo na minha pesquisa de mestrado intitulada *Corpos negros dissidentes no cinema universitário da UFRB*.

PALAVRAS-CHAVE: autofiguração; cinema; corpos negros; heteronormatividade; racismo.

No filme *Tá Fazendo Sabão*, Ianca se apresenta narrando sua autoimagem e performando a si em três atos temporais: arquivando-se, performando-se e reconstruindo-se. Existe uma performance sonora no interior do curta com sons de bolhas de água, vento e com uma narração intencional, contagiante e debochante que integra o espectador à obra. Foi necessário manipular o real tendo em vista que trazer a realidade como ela é só fortaleceria as narrativas de dor, sofrimento e aniquilamento perpetuadas em nossos imaginários desde o Brasil colônia. Durante o processo de realização do curta, minha mãe fez a fotografia e a direção de arte e até hoje ela não sabe da existência do filme que só ganhou vida na montagem, quando juntei o passado, o presente e a possibilidade de futuro na linha do tempo da vida.

¹ Trabalho apresentado no GP Estéticas, Políticas do Corpo e Interseccionalidades, XIX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 47º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Mestranda do Programa de Pós-graduação em Comunicação da UFRB com bolsa CAPES e Membro do Grupo de Pesquisa e Extensão em Arte, Imagem e Visualidade da Cena - VISU, email: iancadeoliveira96@gmail.com.

O curso de cinema e audiovisual da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia - UFRB foi iniciado em 2008 com objetivo de descentralizar as produções cinematográficas do polo sudeste, propondo um novo olhar diante das histórias que surgem dentro do Recôncavo da Bahia. Mesmo tendo um curso de cinema fora do polo sudeste, as narrativas continuam sendo dominadas por mãos brancas. Precisamos reivindicar outras imagens para eclodir o imaginário negro sobre as narrativas que foram manipuladas pela branquitude, para romper com o período colonial e moderno que nos assombra a cada esquina. Chegar em Cachoeira é revisitar todas as temporalidades em uma espiral, experimentando o tempo a partir do corpo, da fala e dos sons. O passado, o presente e o futuro caminham juntos reconfigurando outros caminhos afro diaspóricos de sobreviver nas ruínas.

Esta pesquisa tem como abordagem metodológica uma interpretação filmica com foco na construção de personagem e direção de arte tendo em vista que se trata de um filme autofigurativo a partir de dois vieses que estão elencados ao meu projeto de mestrado. As principais referências bibliográficas que servirão de base para fundamentar as análises empreendidas nesta investigação serão os seguintes livros: *Tudo sobre amor* (2020) de bell hooks; *A performance: entre o vivido e o imaginado* (2011) de André Brasil; *Performances com expressões de experiência estética: modos de apreensão e mecanismo operativos* (2019) de Jorge Cardoso e Juliana Gutmann; *Pedagogia das encruzilhadas* (2018) de Luiz Rufino, *Não vão nos matar agora* (2021) de Jota Mombaça e *Performances do tempo espiralar* (2021) de Leda Maria Martins.

Para Mombaça (2021, n.p) “corpas podem ser definidas como aquelas que resistem às adversidades e as violências de um sistema de controle que tenta inutilmente rotulá-los, negá-los e capturá-los, propondo alternativas para que aconteçam transformações rumo ao novo”. Esse sistema de opressão tentou me rotular e negar a minha sexualidade, mas meu corpo continua resistindo à normatividade dos afetos.

Em diálogo com bell hooks, *Tá Fazendo Sabão* se torna um filme necessário na atualidade uma vez que ele reverbera nas vivências de outras corpos negros. Eu lembro como se fosse hoje, minha mãe me puxando pelas ruas de Santo Amaro com tanto ódio depois de saber que eu estava me relacionando com uma menina. Ela teve o prazer de me constranger na frente de toda a minha família. Essas memórias me atormentam por anos e eu precisava produzir um curta sobre esse assunto sem romantizar a dor. Fiz uma

obra que me apresentasse ao mundo como sou e sem medo de performar o afeto lésbico em minhas escrituras.

“Autoafirmação” definida por Branden como “a disposição de se posicionar em favor de si mesmo, de ser quem sou abertamente, de me tratar com respeito em todos encontros humanos”. Uma vez que muitos de nós fomos constrangidos na infância, fosse em nossas famílias de origem, ou nos ambientes escolares, o curso de ação comumente escolhemos para evitar o conflito era o padrão apreendido de seguir o fluxo e não fazer alarde (HOOKS, 2020, p. 98).

Ainda fabulando com bell hooks a dimensão do afeto, a minha família nuclear continua sendo um fracasso. Quando contei que era lésbica para uma tia ela me disse que “seria uma vergonha para meu pai ter uma filha como eu”. Essa frase doeu imensamente, porque para minha tia o orgulho da família é ter um irmão que maltrata, humilha e trai a sua esposa como meu pai fez inúmeras vezes com a minha mãe. Para a minha família preconceituosa e homofóbica, essa é a estrutura familiar ideal a ser seguida.

O fracasso da família nuclear patriarcal tem sido amplamente documentado. Frequentemente exposta como disfuncional, com um lugar de caos emocional, negligência e abuso, apenas aqueles em negação continuam a insistir que esse é o melhor ambiente para educar crianças (HOOKS, 2020, p. 163).

De acordo com Cardoso e Gutmann (2019, p. 112), “a realidade filmada seria não apenas ‘uma narrativa’, mas ‘mise-en-scène’”. Imitei padrões sociais que não me cabiam com intuito de representar algo que nega a minha identidade e sexualidade nesta representação de mundo heteronormativo. Infelizmente eu tive que performar a heteronormatividade para evitar conflitos com a minha família.

Segundo Brasil (2011), “a performance é o momento de uma exposição. Um corpo se expõe e ao se expor cria a situação na qual se expõe, não sem, no mesmo gesto, criar-se a si mesmo. Uma forma aparece e ganha forma – não previamente – mas à medida em que aparece”. Eu, crio uma atmosfera cósmica trazendo para a cena situações que vivi e encontro na minha performance uma maneira de expor uma história de amor por mulheres negras na tela. Eu não exponho só meu corpo na tela, porque o meu corpo se tornou a projeção de vivências coletivas.

As encruzilhadas são campos de possibilidades, tempo/espaço de potência, onde todas as opções se atravessam, dialogam, se entroncam e se contaminam. Fundamentada em seus domínios não versa, meramente, por uma subversão. Dessa forma, não se objetiva, meramente, a substituição de uma perspectiva por outra. A sugestão pelas encruzilhadas é a de transgressão, é a traquinagem própria do signo aqui invocado. São as potências do domínio de Enugbarijó, a boca que tudo engole e cospe o que engoliu de forma transformada (RUFINO, 2018, p. 75-76).

Em diálogo com Rufino (2018), recorro que foi nas encruzilhadas que encontrei a possibilidade de restaurar as vivências traumáticas. Estando nelas, eu transformei a dor em cura e o ódio em amor. Desloquei o meu corpo em todos os tempos especulando um lugar de transferência que, seguindo as mesmas lógicas de Leda Maria (2021, p. 131), pode ser compreendido como “um espelho que contém o olhar do observador e o objeto do olhar, mutuamente refletindo-se um sobre o outro”. Nas imagens criadas para fazer o Gif toda vez que minha mãe me fotografava, ela refletia em mim. No final daquele set, quando peguei as imagens, senti que elas me diziam que a sociedade e a minha família nuclear continuavam manipulando as minhas escolhas afetivas.

Nos primeiros segundos do curta, a protagonista-autora já deixa claro para o espectador que estamos falando de crianças negras que foram subalternizadas e insultadas em suas vivências. Ela expressa incomodada: “Eu odiava ser fotografada”. Continuamos enxergando como a branquitude nos enxerga, ou seja, como corpos violentas e sem subjetividades. As crianças negras se tornam refém de uma sociedade racista, homofóbica e preconceituosa e o curta denuncia isso ao considerar quantas crianças não podem demonstrar afetos por crianças do mesmo sexo e como as famílias não estão preparadas para acolher a sexualidade de seus filhos. Nos primeiros minutos a narração se mantém ainda tímida, parece que as palavras estão entaladas na garganta. Existe uma *mise-en-cine* quando ela apresenta a garotinha moleque macho porque o seu tom de voz muda e a performance de si ganha liberdade.

O filme ganha outra narração a partir das fotos capturadas por sua mãe. O tom de deboche começa a se incorporar dentro das imagens produzidas, até o momento em que as situações traumáticas que ela vivenciou com sua família retornam, provocando medo e nós na garganta. Jacilene Lima (mãe de Ianca) é antagonista da história, pois, ela interrompe o afeto homoafetivo dizendo para uma criança de apenas 4 anos que

gostar de menina é errado. Eu, já perdi as contas de quantas vezes performei a garotinha que minha mãe sonhou.

O curta inicia com uma fotografia da personagem, vestida de cangaceira e sentada em um pônei de brinquedo, utilizado por fotógrafos nos anos 1990, que circulavam por praças e ruas do Recôncavo da Bahia, oferecendo o seu serviço de guardar memórias. Ao longo do filme, as roupas comuns da época, as ruas, o bar e as casas tomam conta da trama. Até o momento em que a narrativa rompe com os materiais de arquivos para fabular uma constelação afrodiáspórica, que por muitas vezes, sobrepõem as próprias imagens domésticas, mas que anuncia um futuro sapatão que está por vir.

No segundo momento, a personagem está vestida com uma calça rasgada, uma blusa de crochê colorida e o cabelo trançado com lãs na cor laranja performando com bolhas de sabão a sua sexualidade. A protagonista se torna o próprio vento na cena deslocando seu corpo no meio da encruzilhada que a prende a todos os tempos.

Portanto, a autobiografia da menina moleque macho pretende compreender como o racismo e a heteronormatividade afetam a autotransfiguração da criança preta e sapatão, através de uma interpretação sobre as vivências pessoais, coletivas e visuais dentro da obra *Tá Fazendo Sabão* (2022) de Ianca Oliveira.

REFERÊNCIAS

BRASIL, André. **A Performance: Entre o vivido e o imaginado**. Anais da Compós, 2011. Disponível em: https://www.academia.edu/30699264/A_performance_entre_o_vivido_e_o_imaginado. Acesso em: 17 mai. 2022.

GUTMANN, J; CARDOSO FILHO, J. Performances como expressão da experiência estética: modos de apreensão e mecanismos operativos. **Intexto**, n. 47, vol. 03, 2019, p. 104 – 120. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/intexto/article/view/81918/53002>. Acesso em: 17 mai. 2022.

HOOKS, bell. **Tudo sobre o amor: novas perspectivas**. Editora Cobogó. 2020. Cap. 04 e 08.

MARTINS, Leda. **Performances do tempo espiralar: poéticas do corpo-tela**. Rio de

Janeiro: Cobogó, 2021.

MOMBAÇA, Jota. **Não vão nos matar agora**. Rio de Janeiro: Cobogó, 2021.

RUFINO, Luiz. **Pedagogia das Encruzilhadas**. Mórula, 2018.

FILMOGRAFIA

TÁ FAZENDO SABÃO. Direção: Ianca Oliveira. Realização: Aterrar Produções Produção: Ianca Oliveira e Jaci Lima. Santo Amaro/BA: UFRB, 2022. mp4/DCP. Arquivo digital. Disponível em: <https://youtu.be/3OxU-ITb-8E?si=aHt5sDm6naAEhvyc>